

Gabriela Acerbi Pereira

**CAMINHOS DE UM DISPOSITIVO: A EXPERIÊNCIA DA
MÍDIA NO ENSINO DE SOCIOLOGIA.**

Trabalho de Conclusão de Licenciatura
apresentado como requisito parcial para a
obtenção do título de Licenciada em
Ciências Sociais pela Universidade
Federal de Santa Catarina.
Prof. Orientador: Dr. Jacques Mick

Florianópolis

2013

[Digite texto]

Gabriela Acerbi Pereira

**CAMINHOS DE UM DISPOSITIVO: A EXPERIÊNCIA DA
MÍDIA NO ENSINO DE SOCIOLOGIA.**

Este Trabalho de Conclusão de Licenciatura foi julgado adequado para a obtenção do título de Licenciada, e aprovado em sua forma final pela Coordenação do Curso de Ciências Sociais.

Florianópolis, julho de 2013.

Prof. Tiago Bahia Losso, Dr.

Coordenador do Curso

Banca examinadora:

Prof., Dr., Jacques Mick

Orientador

Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.º, Dr.º Alexandre Bérghamo

Universidade Federal de Santa Catarina

Glaucio Ferreira, doutorando em Antropologia

Universidade Federal de Santa Catarina

RESUMO

O artigo reflete sobre experiência de docência de Sociologia no Ensino Médio, realizada no estágio obrigatório da licenciatura no curso de Ciências Sociais. Após a constatação da presença intensa dos dispositivos de mídia na instituição escolar em diferentes esferas, desde a sociabilidade dos alunos à prática docente, a questões didáticas, metodológicas, de ensino e aprendizagem, uma reflexão é feita em relação ao conceito de dispositivo, a partir de Michel Foucault, Giorgio Agamben, Gilles Deleuze e Félix Guattari. As considerações em relação à experiência docente se entrelaçam às análises teóricas do dispositivo midiático, buscando uma compreensão dos significados desse diagrama de poder no campo, considerando os canais de governo, controle, potências de agência e apropriação na escola. Na pesquisa, o fenômeno da dispersão é explorado a partir dos desdobramentos da relação agentes - dispositivos - ensino.

Palavras-chave: Dispositivo. Mídia. Ensino de Sociologia Michel Foucault.

ABSTRACT

The article analyzes the experience of teaching Sociology in High School, on practical stage to the Social Science course. After finding intensive media *dispositif* in different areas of school, from the sociability of students to teaching practice, didactic, methodological, teaching and learning, a reflection is made about the concept of *dispositif*, along authors like Michel Foucault, Giorgio Agamben, Gilles Deleuze and Félix Guattari. The reflections regarding teaching experience intertwine the theoretical analysis of medias's *dispositif*, looking for an understanding of the meanings of this power's diagram, considering the channels of government and control, agent's power and appropriation in the school. In this research, the phenomenon of dispersion is explored from the unfolding of the relationships among agents, *dispositifs* and teaching.

Sumário

- Introdução /11
- Percorrendo o dispositivo. Reflexões sobre exercício de governo e poder /17
- Experiências da mídia no campo educativo /39
- Considerações finais: fuga e dispersão criativa no poder pulverizado /70

Introdução

Nesse trabalho, os processos de significação dos sujeitos são pensados no contato e nos usos que fazem dos dispositivos técnicos, assim como no destaque que o sentido da *visão* consolidou nas relações ao longo dos tempos, seja ele o ato de ver, o de ser visto, o de representar ou reconhecer a partir e para o visto. Irei refletir sobre as ações e reações frente à presença dos recursos audiovisuais tanto na prática docente do professor no ensino de Sociologia, quanto, e principalmente, nas apropriações, nos usos e respostas elaborados pelos alunos a partir deles. A pesquisa refletirá sobre a experiência social estabelecida a partir dos dispositivos midiáticos que preenchem as relações e práticas sociais na contemporaneidade. Esses processos serão analisados como elementos circunscritos na *história do pensamento* por Michel Foucault, em sua análise do que virá a chamar de focos da experiência, processos nos quais se articulam formas de um saber possível, matrizes normativas de comportamento para os indivíduos e modos de existência virtuais para sujeitos possíveis. Nesse sentido, e parafraseando o autor, realizarei um estudo sobre a mídia, considerando a experiência sobre ela à medida que define e exerce governo na constituição dos modos de ser dos sujeitos (FOUCAULT, 2010, p.5).

Este trabalho é o resultado das reflexões e observações elaboradas no estágio obrigatório de prática docente do curso de

Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina, em Florianópolis, ao longo do ano letivo de 2012, no Colégio de Aplicação da UFSC, cumprindo com o currículo do curso. Apesar de sua origem no ensino de Sociologia no Ensino Médio, o artigo dirige-se para a análise mais ampla de um dos aspectos que se destacou ao longo do estágio, e que pode ser observado como um dos elementos que têm feito parte das marcas que constituem o sujeito contemporâneo e a vida em sociedade; os usos da mídia e a participação cada vez mais intensa dos *dispositivos* técnicos na vida social, nas práticas comunicativas, políticas, narrativas, linguísticas, representativas, artísticas, históricas, de ensino e saber (AGAMBEN, 2009); resultados, implicações, possibilidades e polêmicas que envolvem a presença desses dispositivos no espaço escolar, destacando a relação que é traçada entre eles, os alunos e a prática do ensino. Para isso, os recursos audiovisuais e principalmente a *imagem*, enquanto modo de linguagem e elemento constituinte da rede inscrita pelo dispositivo, são colocados em questão para discussão e revisão de conceitos, categorias e modos de interpretação. Inseridos nesse quadro, os modos de subjetivação e processos de recepção dos alunos serão também discutidos a partir do reconhecimento desses sujeitos da pesquisa e de sua integração no tensionamento de forças em relações sociais localizadas. Colocam-se em questão as perguntas e as respostas oferecidas pelo próprio campo, num

movimento analítico que procura entender esta espécie de cultura *do visível* (DERRIDA, 2012), do tecnológico, do digital e da representação imagética na qual se tem vivido atualmente.¹

Ao longo da experiência docente, imagem e dispositivos ganharam notoriedade devido à própria estrutura da escola e à forma como estão organizados seus recursos didáticos. A instituição de ensino pesquisada é um colégio de caráter experimental, onde são aplicados e proporcionados, ao longo dos anos, estudos de práticas pedagógicas, projetos didáticos e estágios supervisionados para os cursos de Licenciatura e Educação da UFSC, segundo as exigências da Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes Básicas)². Enquanto um colégio público modelo, a disponibilidade de recursos federais e a proximidade com a universidade geram implicações diretas no perfil dos alunos, no andamento das atividades, na disponibilidade de materiais e na atuação do professor. Dentre essas implicações, há a implementação do programa ProUCA, uma iniciativa do Ministério da Educação, financiada com recursos do Programa Nacional de Tecnologia Educacional e

1. Antes de dar continuidade, apenas destaco que, pautado na experiência docente, o artigo assume a narrativa da primeira pessoa em toda sua estrutura, reconhecendo a opção metodológica que é embasada no diário de campo e nas reflexões que foram construídas no estágio pela estagiária.

2 <http://www.ca.ufsc.br/historico-do-ca/>

coordenada pela Secretaria de Educação a Distância (SEED/MEC), que ofereceu ao colégio um computador por aluno para ser usado com acesso direto e irrestrito à internet no ambiente escolar, e também para uso residencial, fora do horário de aula, considerando que os alunos podem levar o equipamento para casa.

A constatação de que todos os alunos recebem um computador pessoal quando entram na escola, e que permanecerão com ele até o final de sua formação, é um fator instigante para a pesquisa, que se voltou então para as práticas e experiências desses alunos a partir da presença tão intensa da imagem digital, de ferramentas audiovisuais, internet, telefones celulares 3G, câmeras digitais etc. A situação deste colégio implicou na forma como foi desenvolvido o ensino de Sociologia pelas duas estagiárias responsáveis, (Gabriela Acerbi Pereira e Bruna Avila da Silva), uma prática que também orientou a pesquisa no momento de observar e pensar as experiências receptivas e os processos de elaboração a partir dos signos compartilhados na atuação dos dispositivos.

Apesar da centralidade no campo de observação e das particularidades do contexto pesquisado em relação à tecnologia descrita, a pesquisa reflete sobre os elementos midiáticos enquanto dispositivos atravessadores dos sujeitos e modos de subjetivação, produzindo então uma revisão teórica do conceito

em Michel Foucault e Giorgio Agamben. Ainda assim, é importante destacar que toda a teoria trabalhada surgiu posteriormente às reflexões feitas em campo, a partir da situação que foi encontrada de usos excessivo dos dispositivos ao longo da prática docente em sala de aula. Posterior a todo processo de observação e elaboração das aulas, os desdobramentos encontrados no campo possibilitaram direcionamentos aos teóricos e teorias abordadas no artigo, e a partir disso o desenvolvimento de uma proposta analítica ao contexto específico. Considerando um panorama que reconhece as alterações temporais provenientes das acelerações na comunicação, a flexibilização do contato, o trânsito digital, as coerções, a vigilância, as navegações online, o controle e os rompimentos territoriais, atenta-se para o questionamento em relação à mídia e às possibilidades que ela tem de operar enquanto um dispositivo sobre corpos tão dispersos e fragmentados. Discutirei aqui as outras lógicas existentes por trás desse controle exercido, repensando os modos de subjetivação inseridos, a forma, o como e o porquê da adesão a tais dispositivos, assim como as linhas de fuga que podem ser traçadas nas apropriações dentro desse sistema de governo. Nos próximos momentos do artigo, esboço um questionamento geral em relação à presença da técnica nos processos de constituição dos modos de ser e identidade, além de uma conceituação do

processo e uma avaliação das proporções que tomou o significado do dispositivo, nos compartilhamentos sociais encontrados no âmbito escolar estudado. O artigo é então organizado em duas sessões: a primeira traz toda discussão teórica em relação ao tema, e a segunda apresenta as experiências do estágio e as considerações que puderam ser construídas a partir da articulação ante esse processo e os conceitos.

Percorrendo o dispositivo. Reflexões sobre o exercício de governo e poder

Neste momento será analisada a situação de saturação que se instaura com a intensa presença dos aparatos reprodutivos. Computadores, celulares e sistemas de compartilhamento de dados como a internet surgem, revolucionando o que até então se compreendia por aparato técnico, na passagem do século XX para o XXI. Por todos os lados, é possível identificar trocas de conteúdos midiáticos, assim como de suas técnicas e modos de uso. Essas práticas se intensificaram gerando um cenário de sobrecarga, fator que, devido a suas proporções, passou a exigir análises ainda mais profundas em relação aos significados e sentidos de sua existência no interior da vida social.

A experiência docente na qual se origina a ideia da pesquisa teceu uma situação que vai ao encontro das transformações descritas e produzidas por esses aparatos. Encontrei, ao adentrar na sala de aula, um reforço prático do quadro teórico, uma situação que mostrou como o campo educativo e o espaço escolar, assim como outras esferas da vida social, estão lidando e se alterando a partir da inserção das mídias no seu cotidiano, com modificações na dinâmica da sala de aula, na vida dos alunos, na prática dos professores e na própria estrutura administrativa da escola. A partir disso, e de todo

contexto que sustenta a presença desses dispositivos também na escola, justifico minha busca por compreender, e ao mesmo tempo realizar um mapeamento e uma discussão analítica do caráter desse desenvolvimento técnico.

A partir dessa ideia, me aproximo às observações de Michel Foucault, elaborando um reconhecimento que norteará meus questionamentos posteriores, o exercício de *governabilidade* (FOUCAULT, 2010) que é realizado pelas mídias, e que consolida seu próprio status de *dispositivo* circunscrito às relações de poder. Me aproximo do conceito operativo para tentar entender o que ele representa, e ainda mais, o que representa a sobrecarga de sua presença nas relações sociais e nos processos de subjetivação elaborados pelos sujeitos envolvidos. Da mesma maneira que realiza Foucault em sua análise da *loucura* (FOUCAULT, 1997) enquanto categoria e das instituições em relação a suas práticas disciplinares, me proponho a olhar para as mídias enquanto dispositivos controladores. Como proposta temos a construção de um olhar sobre a *experiência da mídia*, um dispositivo de governo ligado à constituição de certos modos de ser, aos processos de subjetivação e à constituição de saberes específicos. Lembrando as palavras de Foucault, “como uma experiência no interior da nossa cultura, reaprender a loucura, primeiro, como um ponto a partir do qual se formava uma série de saberes, mais ou menos heterogêneos, cujas formas

de desenvolvimento deviam ser analisadas: a loucura como matriz de conhecimentos” (2010, p.5). Transponho essa proposta para um estudo do dispositivo midiático e para a forma como ele se relacionou com a construção de atitudes no sistema de representação existente, práticas consolidadas a partir das noções de controle do corpo, de disciplinamento da vida, de elaboração de discursos e de modos de subjetivação.

Seguindo a proposta, a primeira questão a ser pensada para introduzir o assunto é: por que essas mídias poderiam ser consideradas dispositivos de poder? É interessante avaliar os aspectos particulares desses aparatos, que apesar das singularidades, não inibiram a utilização do termo para sua definição, mas, pelo contrário, confirmaram traços e a necessidade de questões para serem debatidas dentro do próprio conceito. Apesar de não ser uma instituição propriamente dita, a técnica das mídias carrega a necessidade de adequação dos sujeitos que a utilizam por meio de estruturas de compartilhamento coletivo e suas possibilidades para o uso individual. Com sua capacidade reprodutiva e representativa, ao longo dos anos os processos históricos envolvendo as mídias (enquanto tecnologias de comunicação) proporcionaram estruturas de imposições não tão visíveis, assim como um jogo de disposições e práticas de coerção. Um dos primeiros aspectos que chama atenção é em relação à aderência massiva e diversificada

do uso sucessivo dos dispositivos, um uso aparentemente espontâneo e autônomo em que os sujeitos passam a incluir os aparatos em suas vidas, adequando seu cotidiano a eles. Há uma situação de aderência generalizada e não concentrada em um grupo social específico. De maneira geral, a utilização dessas tecnologias foi sendo feita por várias instituições, organizações e indivíduos nas suas mais diversas lógicas de práticas e vivências. Órgãos administrativos, sistemas empresariais de mercado, sistema de funcionamento público, indústrias do entretenimento, instituições de ensino, religiosas, grupos artísticos, o Estado, políticas públicas, enfim, uma vasta gama de agentes sociais, individuais ou coletivos, se apropriou do que foi desenvolvido, incorporando no seu dia a dia os “benefícios” desses dispositivos na consolidação de seus distintos “objetivos”. Nesse sentido, observo que, diferentemente do que havia observado Foucault em relação aos dispositivos de controle, sobre a mídia, o poder e as coerções penetram nas relações e nos elementos da esfera social de forma ainda mais fluida, sem realizar seleções ou cortes na escolha do grupo. Diferente da rede de controle escolar que age sobre o aluno, da militar que age sobre o soldado ou do diagrama de controle inscrito na área da saúde que se volta para o dito louco ou para o médico, esta rede de controle contemporânea age sobre corpos dispersos, que não apresentam necessariamente marcas de unificação ou padrão. Fornecendo um padrão de

linguagem, esses dispositivos constroem uma rede de articulação sobre sujeitos, grupos e organizações heterogêneos, distanciando-se da estrutura tradicional do dispositivo no diagrama. Ainda assim, internamente a esse contorno heterogêneo é possível encontrar variações entre os grupos que constroem identificações com os dispositivos, por exemplo, devido a condições prévias como classe social, geração e capitais culturais articulados, que permitem alterações na intensificação da relação que se estabelece com eles. Em relação as condições de acesso às mídias do alunos da pesquisa, estas são intensas e proporcionam o perfil de um usuário *heavy-used*. Um núcleo, que faz parte de uma geração específica e também de uma camada social privilegiada em relação à experiência da tecnologia.

Ao se dedicar à noção de governabilidade, Foucault investiga os poderes coercitivos articulados, situados nas relações sociais, e produzidos a partir de uma ligação entre os saberes e a produção de discursos de verdade. Para o autor, o poder é pensado enquanto técnica e procedimentos pelos quais se empreende conduzir a conduta dos outros. Esse processo perpassa a formação de saberes e as práticas discursivas, dentro de um jogo que estabelece regras de veridicação (FOUCAULT, 2010 p.6), regulando as relações a partir de sua inserção nelas e da sua intenção de defender, no controle, a noção de verdade elegida. Dentro das próprias relações sociais, tensionam-se os discursos

de verdade construídos.

A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças às múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentos de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros [...] (FOUCAULT, 2004, p. 12)

Inscritos na relação de poder, encontro os *dispositivos*, uma rede de cercamentos que tem o potencial para fabricar e moldar os sujeitos, à medida que é realizado certo “modo de investimento político e detalhado do corpo” (FOUCAULT, 2009 p.134), por meio de uma prática disciplinar coercitiva sobre aspectos simples que constituem o sujeito e a vida cotidiana. Falo aqui de um “modesto” modo de condicionar uma determinada prática, um determinado movimento corporal, um conteúdo de reflexão, uma maneira de elaborar sobre um tema. Nesse sentido, tenho o dispositivo conectado à produção de um saber, uma norma de verificação que proporciona certas práticas e hábitos, ainda que de maneira singela ou aparentemente insignificante. As tecnologias de comunicação proporcionam o governo de corpos à medida que consolida usuários, dinamizando suas vidas por meio da técnica que oferecem. A utilização dessas mídias proporciona a aderência a uma prática cultural, proporciona uma forma de

realizar buscas, de comunicar, de receber o comunicado, uma forma de estruturar o tempo na rotina diária, enfim, uma forma de moldar os hábitos de um homem inserido, que se reconhece no mundo tecnológico das redes virtuais, que passa a vivenciar, subjetivar, atuar e disputar esses espaços sociais, caminhos da enunciação de verdades, de experiências sociais compartilhadas e de modos de representação e saberes. Observo que a imagem, enquanto reprodução técnico-informacional de grande escala, de fácil assimilação e vinculação, assumiu grau de importância elevado na constituição dos sujeitos à medida que consolidou aspectos e fatores que contribuem para sua definição enquanto um dispositivo de poder.

Quando Foucault apresenta sua proposta de análise das matrizes de experiência, ele oferece um modelo analítico que pretende, dentro da experiência, voltar-se para as práticas discursivas que fazem parte dela, e para a história das formas de verificação que são inerentes a essas experiências (FOUCAULT, 2010, p.41). Para realizar isso, ele propõe três eixos que se integram na realização de uma observação da experiência. Esses eixos podem auxiliar no momento de compreender o que se entende por essa experiência da mídia e o que representa o conceito de dispositivo na relação que os sujeitos estabelecem com ele, e na relação que ele estabelece com as práticas na sala de aula onde se deu a pesquisa. Para elaborar uma análise das

experiências construídas a partir da mídia na escola é proposto então: 1) uma análise da formação de saberes que abarcam e dão sustentação aos dispositivos na experiência, 2) uma análise da normatividade dos comportamentos a partir das tecnologias de governabilidades e 3) uma análise da pragmática do sujeito a partir das modalidades e técnicas na relação que ele estabelece consigo, voltado para si (no cuidado de si). Esses três movimentos já adiantam o que acompanhará as análises, um mergulho no campo da pesquisa problematizando a conexão que se cria entre mídias, construção de saberes e verdades e reação dos alunos. Futuramente, resgatarei também o conceito de *parresia* (FOUCAULT, 2010), para pensar o exercício de governo do dispositivo em relação a dramática do discurso que o acompanha, num conjunto de enunciações que afetam enunciador, enunciado e aqueles para quem se enuncia. Já adianto o caminho da etapa posterior da pesquisa, que vai buscar na sala de aula uma análise sobre como esta instituição, espaço do saber, vai lidar com a mídia, à medida que a enunciação passa a vir dos dispositivos, e daqueles que, além de controlados, dominam seus usos.

Em *Vigiar e Punir*, Foucault descreve a forma como se dá o controle das atividades por meio dessa rede de governo que caracteriza o poder disciplinar aparelhado nas instituições, e que corresponde à prática do dispositivo descrito na sua forma

originária. Foucault permite reconhecer certas funções que correspondam a esses mecanismos e que contribuam para o exercício do controle de cada corpo situado na relação. Apesar de não estar se referindo aos dispositivos tecnológicos de comunicação, ao ler atentamente a descrição dos cinco tópicos sintetizados, posso observar que em muitos momentos as mídias digitais se aproximam dessas funções, exercendo uma ação parecida com a dos dispositivos anteriores.

O primeiro tópico faz uma discussão em relação ao horário e à forma como os dispositivos de governo exerceram controle por meio de uma definição temporal da vida dos homens e mulheres circunscritos no seu campo de atuação. Foucault permite reconhecer como a ideia de regulamentar as práticas sociais a partir da criação de ciclos de repetição e horários torna-se uma maneira de ocupar e direcionar a ação humana, anulando do cotidiano tudo que possa perturbar ou distrair a prática que vai ser empregada para a finalidade definida dentro do prazo estabelecido (FOUCAULT, 2009, p.145). Em relação às mídias, percebo que, apesar delas estarem inseridas em um outro contexto, muito mais flexível em relação ao tempo e aos usos desse tempo, acabam por promover também uma regulamentação, ainda que dispersa, da rotina do seu usuário. O excesso de informações e compartilhamento de notícias, imagens e vídeos consolida um desejo (e uma talvez necessidade) de

comunicação e de acompanhamento do conteúdo de maneira bastante fragmentada e também simultânea. Os sujeitos consolidam o hábito de realizar buscas e tarefas ao mesmo tempo, acompanhando os fatos de maneira dispersa, à medida em que esta experiência de mídia vai atravessando suas outras práticas no dia a dia. Esse desejo e essa necessidade constituem um sujeito que constantemente anseia pelo fluxo oferecido no acesso. Além da quantidade de informações, a multiplicidade de funções dos dispositivos (por exemplo celulares e computadores), condiciona as práticas corporais e incluiu ao longo da rotina um condicionamento físico que mescla-se às questões subjetivas e psicológicas, proporcionando ao sujeito um gasto considerável de tempo com as redes sociais, com os programas de mensagem SMS, as ligações, as trocas de *e-mail*, a programação televisiva seriada e, enfim, todas as possibilidades de multiplicar o tempo que as técnicas digitais proporcionam. No trabalho, em casa, na rua, viajando, no momento de lazer, na pausa entre uma atividade e outra, ou na espera, todos os momentos são propícios para o acesso, que ocupa o tempo e ganha o alcance. Se antes as instituições preocupavam-se em anular tudo que poderia distrair o indivíduo para garantir a disciplina no trabalho, hoje esses dispositivos são aquilo que exatamente promove a dispersão e a distração. Posso dizer que são formas de governo não regulares, mas constantes, inscrevendo práticas de governo de maneira

“ingovernável”, aleatória, dinâmica e multidirecional.

O segundo ponto observado por Foucault no governo das práticas diz respeito a uma elaboração temporal do ato, “um ajustamento obrigatório do corpo” (2009, p.146), que é coletivo e que permite uma penetração do tempo sobre o corpo. No caso da mídia, em que o tempo de uso é dinâmico e disperso, mas constante, a penetração do tempo sobre o corpo torna-se algo ainda mais profundo e complexo. Nas condições atuais, há uma situação em que todo tempo é um tempo do dispositivo, há uma constância da tecnologia que penetra o corpo pelas estratégias minuciosas de um poder que governa sem necessariamente aparentar ser uma prática de coerção, mas pelo contrário está ligado a aceitação e adaptação por livres vontades. Falo aqui de uma incorporação das mídias na rotina, que vai se consolidando no hábito de conferir e na repetição, no ato de realizar a todo tempo um acesso, uma atualização. A digitação, o teclar dos dedos nas telas, o direcionamento do olho para as luzes de celular e computadores que sinalizam, os barulhos de alarme, o próprio hábito de carregar esses dispositivos vão constituindo um conjunto de práticas que proporcionam uma conformação do corpo a um determinado tempo, o tempo do dispositivo.

O terceiro aspecto que destaca o autor refere-se à forma como o corpo e o gesto são postos em correlação no processo de disciplinamento. A ideia aqui é pensar como o sujeito governado

impõe uma melhor relação entre o gesto e a atitude global do corpo, que é uma condição de eficácia e de melhoramento do gesto. Nas palavras do autor, “um corpo bem disciplinado para um gesto eficiente” (2009, p.147) e conseqüentemente um bom emprego do tempo que se sobrepõe a esse corpo. Em relação à mídia, penso na relação corpo-gestos, que condiciona movimentos aos usos do mecanismo. Posso afirmar que se trata de uma adaptação da fisiologia humana a esses aparatos, por exemplo, através de estímulos aos sentidos da visão e do tato. Novamente, os hábitos de conferir o celular, da digitação, de acessar a rede social, do registro, da reprodução, do fotografar, do filmar, do compartilhar, do repassar, o hábito de se identificar com produtos da imagem e com essa forma de linguagem, enfim, são uma série de pequenas práticas consolidadas e constituídas no e pelo sujeito que transita e subjetiva dispositivos. Posso até mesmo observar como estes hábitos consolidados têm favorecido campos de trabalho que utilizam esses dispositivos nas suas atividades. Uma pessoa que vincula seu trabalho ao dispositivo faz desse uso um mecanismo de aceleração de tarefas, mas, em paralelo a isso, transpõe o dispositivo para sua vida particular e para os modos como ela vai se relacionar. Em vários momentos ela não cessa de trabalhar, carrega o dispositivo e entrelaça todas as funções que ele proporciona aos outros momentos de sua vida particular. Como já descrito, nesse processo de multiplicação das

tecnologias o tempo do dispositivo vai se dispersando e fragmentando, passando a ocupar de forma não tão visível toda a rotina do sujeito que o incorpora.

Como quarto elemento, há uma questão complementar a esses estímulos sobre o corpo. Foucault fala da disciplina mantida na relação que o corpo vai criando com o objeto que ele manipula, um uso que se instaura no dia a dia. Pensa-se na engrenagem que vai se consolidando entre o sujeito e os dispositivos da tecnologia comunicacional. Ao longo do uso, movimentos ordenados vão se consolidando. “Amarra-se corpo ao objeto pelo poder constituído”, (FOUCAULT, 2009, p.148). Há então um *corpo-arma*, um *corpo-máquina*, um *corpo-instrumento*. A ideia gerada é de um princípio da não-ociosidade, uma utilização sempre crescente do tempo. Um movimento exaustivo e o uso do mínimo instante, como se o uso desse tempo fosse inesgotável. É possível observar a tecnologia de comunicação proporcionando esse mesmo movimento exaustivo, mas direcionado a objetivos diferentes. Nas fábricas há um disciplinamento voltado para o trabalho no seu aproveitamento máximo; na instituição de ensino o foco no aluno é em relação ao rendimento que ele pode ter, assim como na preparação para o mundo do trabalho. Para os dispositivos tecnológicos, que possuem fins diversos, os caminhos desse rendimento são múltiplos e distintos. Em certos momentos, seu uso propõe mais

uso, um ciclo encerrado nele mesmo, apesar das intenções várias contidas nele. Uma aderência geral e global a esses dispositivos, por fim, produz intensificação do uso. Um movimento de constância, uma dependência corporal e coletivamente compartilhada faz do corpo um prolongamento dessa técnica, já que ele não mais se dissocia dela, estão unificados numa coisa só. Ainda dentro deste argumento, questiono também esse corpo, esse sujeito, que se associa à representação que pode criar de si mesmo a partir do dispositivo. Uma vida, um corpo-instrumento, que pauta-se na representação que a máquina pode produzir dele mesmo; que a câmera, que o celular e que a rede social podem representar e proporcionar a ele. Não basta viajar, tem que registrar. Não basta jantar, tem que publicar o que come, não basta vivenciar, tem que salvar no dispositivo, tem que expor, tem que transpor para a esfera digital, tem que trazer para técnica, tem que instrumentalizar, sejam eles sentidos do próprio corpo ou apenas percepções do inconsciente.

Como quinto aspecto a ser observado, Foucault nos fala de utilização exaustiva, uma tendência de intensificação do uso no mínimo instante (2009, p.148). Velocidade, aceleração, e rendimento: temos enfim um “corpo tornando-se alvo dos novos mecanismos do poder” (2009, p.149) que oferecem a ele novas formas de saber, estruturas de constituição de verdade e um novo tempo, mais acelerado. Uma situação deste século XXI, em que a

utilização exaustiva alcança níveis antes inimagináveis. Aparatos multifuncionais, a presença constante da internet nas suas novas formas de dissipação (satélites 3G, wifi), a sincronização das redes sociais e contas de e-mail, o compartilhamento simultâneo via celulares, tablets e notebooks, além dos aplicativos de notícias, bancos, divulgação de informações, de eventos e publicidade são todos parte de uma série de modalidades que proporcionam um aproveitamento maior do tempo do usuário, no sentido que ele passa a exercer muitas atividades num instante só. No trabalho, em sala de aula, enquanto vai ao mercado, no caminho do trabalho, dentro do transporte que o leva, enquanto aguarda na fila do banco, enquanto espera no consultório médico, enquanto caminha nas calçadas, enquanto vai ao banheiro, no bar enquanto aguarda os amigos chegarem para o encontro, no restaurante, em meio às refeições, todas situações que, devido às novas formas e funções dessa tecnologia, alteram a utilização de cada minuto que se passa. Alargamento do tempo do dispositivo implica na redução do tempo que não pertence a ele. Se ocorre um prolongamento desse tempo de uso, ocorre também uma perda do tempo que era para todas e qualquer outra atividade fora dessa esfera, restringe-se mais uma vez o corpo à esfera da máquina. Chega-se ao limite de uma vivência plena (ou quase plena) da tecnologia e das suas formas de representação. Um isolamento social dos elementos que estão fora das telas.

Foucault se preocupava com as técnicas de apropriação do tempo. Anteriormente, nas instituições disciplinares os dispositivos estabeleciam a consolidação de um discurso, de um modo de vida e uma estrutura linguística específica, proporcionando uma composição de forças que permitissem a construção de códigos de sinais para serem aprendidos. No caso das mídias, a utilização envolve um aprendizado virtual específico, mediado e direcionado por um dispositivo que aciona modos de reconhecimento e reprodução digitais. Fala-se de um controle dos comportamentos pelo sistema de sinais no qual se reage imediatamente (FOUCAULT, 2009, p.161) por estímulos, encantamentos, inovações e pelo envolvimento que ele oferece. Observo esse sistema pela ótica da “fabricação de indivíduos”, a partir da governabilidade exercida na consolidação de dinâmicas de uso que serão apropriadas pelos sujeitos. A hipótese é de que os dispositivos midiáticos governam a partir de operações no campo do desejo e da sedução, muito mais do que no campo disciplinar. Uma força coercitiva se aplica ao campo dos elementos subjetivos e se associa a partir da própria abertura que o sujeito, pelo desejo, pelo deslumbramento e pelas expectativas, proporciona a ela.

Na raiz de todo dispositivo está, deste modo, um desejo demasiadamente humano de felicidade, e a captura e a subjetivação deste desejo, numa esfera

separada, constituem a potência específica do dispositivo. (AGAMBEN, 2009, p.44)

Para complementar as ideias de Michel Foucault, tensiono algumas de suas proposições, reinterpretando o conceito, assim como suas práticas estratégicas, principalmente as vivenciadas no ambiente escolar que foi o campo gerador da pesquisa futuramente apresentado. Por este eixo, reviso as bases de comando do conceito e incluo na análise propostas contemporâneas como a existente na releitura que Giorgio Agamben faz de Foucault. Para o autor, além dos novos elementos desse dispositivo, consolidado no período contemporâneo, medidas para restituir possíveis usos comuns em relação a eles são pensadas, liberando assim tudo aquilo que foi capturado na sua lógica de coerção. Para o autor, como dispositivo temos:

uma certa manipulação de relações de força, de uma intervenção racional e combinada das relações de força, seja para orientá-las em certa direção, seja para bloqueá-las ou para fixá-las em certa direção e utilizá-las. O dispositivo está sempre inscrito num jogo de poder e, ao mesmo tempo, sempre ligado aos limites do saber, que derivam desse e, na mesma medida, condicionam-no. Assim, o dispositivo é: um conjunto de estratégias de relações de força que

condicionam certos tipos de saber e por ele são condicionados. (FOUCAULT apud AGAMBEN, 2009, p.28.)

Para Agamben, podemos enxergar o dispositivo enquanto uma rede de elementos no conjunto heterogêneo de discursos, instituições e leis, proposições filosóficas, que possui uma função estratégica concreta e que está inscrito na relação de poder e ao mesmo tempo é resultante dessas relações (AGAMBEN, 2009, p.29). Como Foucault, ele propõe a realização de uma investigação sobre como os dispositivos agem nas relações por meio de um conjunto de *praxis*, saberes e medidas capazes de gerir o governo dos gestos e dos pensamentos (AGAMBEN, 2009, p.39). Para além disso, Agamben oferece à análise duas classificações iniciais, o conceito de *viventes* e o de *dispositivos de captura* (2009). No conceito de dispositivo, entra tudo o que tem capacidade de governar e controlar gestos, condutas, opiniões e discursos, ainda que esse poder não seja tão evidente, como é o caso da linguagem. Viventes são todos aqueles inscritos nas relações de poder, e que serão de certo modo, tocados pela ação dos dispositivos. Sujeitos são enfim categoria para se nomear o resultado da relação entre viventes e dispositivos (AGAMBEN, 2009, p.41), considerando as alterações sofridas nesse contato. Para o autor, o ilimitado crescimento dos dispositivos corresponde a uma disseminada proliferação de processos de subjetivação. Esses processos de subjetivação ganham destaque

ao considerarmos que são muitos os momentos em que os dispositivos estão presentes na vida cotidiana. Nesse sentido, traço um caminho de compreensão embasado no encontro entre as teorias produzidas até o momento, e as práticas vividas na experiência docente, que envolveram processos de subjetivação dos dispositivos.

Por toda a instituição escolar percorrida, resquícios e desdobramentos provenientes dos usos digitais foram encontrados, consolidando assim algumas hipóteses e também algumas considerações a serem destacadas. Tecnologia, aparato, imagem e mundo virtual estavam sempre presentes na dinâmica da sala de aula, proporcionando momentos de interação e atenção, mas também de dispersão e desinteresse. Essa alternância acabou por promover o reconhecimento das práticas de governo e controle, mas também processos de identificação e apropriações criativas por parte dos alunos, situações que favoreciam aprendizagem e participação em sala de aula e que geraram mais dúvidas em relação ao modo de interpretar esses dispositivos.

Para ampliar ainda mais as definições de Foucault em relação às sociedades disciplinares e aos dispositivos desse sistema, mas sem abandoná-las totalmente, encontro em Deleuze e Guattari uma retomada que capta as transformações dessa lógica disciplinar, que reconfigura-se muito mais voltada para o

controle social, do que para o sistema de disciplinamento. Assim como já descrito, as sociedades disciplinares seriam aquelas baseadas no confinamento e na dominação dos corpos; sociedades marcadas pela domesticação e o adestramento humano através de instituições como escolas, hospitais, exército e hospícios, no formato de regimes duros de controle. Avançando, Deleuze e Guattari (1992) observam que na reestruturação do capitalismo contemporâneo o caráter dispersivo se destaca, com base nas crises dos meios de confinamento e do modelo disciplinar. Temos então consolidada uma sociedade onde “nunca se termina nada”, onde os indivíduos tornam-se mais “dividuais” (DELEUZE, GUATTARI, 1992, p.222) divisíveis, e as massas são amostras, dados de mercado que remete trocas flutuantes, fluxos e movimentações fragmentadas. Assim como descrevem, o homem da sociedade de controle é antes de tudo “ondulatório, funcionando em órbita, num feixe contínuo” (DELEUZE, GUATTARI, 1992, p.223). Com isso, visualizo aqui série de definições que vão de encontro com o conceito de dispositivos que está sendo firmado nessa pesquisa; um dispositivo que faz parte de uma sociedade que opera por máquinas de terceira espécie, da informática e tecnologia, e cujo perigo é passivo e provem da interferência dessas novas formas de governabilidade, onde o poder é pulverizado. Com Deleuze e Guattari é possível então reconhecer o processo de transição que substitui o sistema

de confinamento pelo sistema de “controle contínuo e a comunicação instantânea” (DELEUZE, GUATTARI, 1992, p.216), um formato mais aberto e flexível, mas que na aparente abertura esconde outros agenciamentos coletivos extremamente controladores, que num outro patamar, também aprisionam.

Considerando tudo isso, destaco a necessidade de compreender e investigar o que representa e como estão articulados na sala de aula os usos dos dispositivos e as práticas dos sujeitos que a ocupam. Sendo a escola uma instituição ligada à constituição de saberes e poderes, busco apontamentos que problematizem a manutenção e a construção dos discursos de saber e verdade na experiência que se consolida a partir das mídias. Trata-se de identificar como se dá a penetração do dispositivo nos tempos, corpos, narrativas e modos da constituição dos sujeitos contemporâneos do campo escolhido, analisando também o fenômeno da dispersão que acompanha esses mecanismos. Além disso, encontrar certos limites e/ou possibilidades do próprio conceito de dispositivo torna-se uma proposta que resgatará e repensará noções de governabilidade e agência, considerando resistências, profanações, linhas de fuga e apropriações criativas nas experiências de mídia. Ao segundo momento, o campo, então me direciono.

Experiências da mídia no campo educativo

Essa passagem é dedicada à análise do que foi produzido no campo de pesquisa ao longo do período de estágio do curso de licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina. O campo envolve todo material coletado no período de observação do estágio, e também os resultados do período de prática docente na turma do 3º C do Ensino Médio no Colégio de Aplicação. A partir das experiências coletadas, sintetizo acontecimentos que proporcionaram reflexões e questionamentos em relação aos efeitos midiáticos dos dispositivos sobre o saber que se compartilha e se constrói na instituição escolar. Entre tantas observações produzidas acerca da dinâmica de ensino, questões didáticas, de conteúdo e metodologia, ao longo do estágio, a presença dos dispositivos midiáticos tornou-se uma questão chave para debate, à medida que se constatava uma ampla interferência e/ou participação das mídias nas práticas consolidadas por alunos, professores e outros funcionários. Além de ser uma instituição bem estruturada, devido ao seu vínculo com a universidade federal e aos investimentos públicos federais, o colégio está inscrito no programa *Um Computador por Aluno* (PROUCA) do MEC, que garante o uso de notebooks particulares para todos alunos. A junção da boa estrutura que a escola fornece com a presença de

equipamentos eletrônicos em todas as salas de aula, teatros e auditórios e o sistema de computadores implicaram uma dinâmica diferenciada, consolidada nesses usos.

Além dos próprios recursos midiáticos oferecidos pela escola, a presença de outros equipamentos pertencentes aos alunos como celulares 3G, ipad, ipod e notebook pessoais, proporcionou um cenário de tensionamento das relações do saber, do ensino e da aprendizagem. Situado partir da noção de *dispositivo e governabilidade* (FOUCAULT, 2010), pude então voltar-me ao campo com o objetivo de compreender quais seriam os efeitos midiáticos sobre o saber constituído na instituição. Com um trabalho descritivo, narrativo e interpretativo que une uma série de acontecimentos vividos no estágio, sistematizo observações das unidades temáticas trabalhadas em sala de aula, destacando a situação dos dispositivos nesse campo.

Procuro esmiuçar as *experiências de mídia* captadas na observação das reações positivas e também de negação em relação ao uso dos mecanismos, tanto nos discursos produzidos sobre eles quanto nas apropriações feitas em sala. Pretendo identificar quais seriam os movimentos de identificação, recusa e também os retornos oferecidos pelos alunos em relação aos conteúdos e aos recursos didáticos e métodos de ensino-aprendizagem. Apesar da pesquisa incluir todos os agentes participativos da instituição, os alunos recebem destaque, visto

que ocupam neste campo uma posição um tanto quanto vulnerável, e ao mesmo tempo ativa e criativa na condição de usuários dos dispositivos. Efeitos de condicionamento, de coerção, aprendizagem, estímulo a participação, a produção, entendimento do conteúdo e reprodução dessa forma de linguagem são todos processos que permitiram à pesquisa melhor compreensão sobre como os dispositivos incidem sobre o saber, e também como os saberes e agentes incidem sobre os dispositivos, nas relações que entrelaçam exercício de governo e poder.

Primeiramente, volto-me para a observação das aulas que foram elaboradas pela professora efetiva da turma. Nessa etapa, registro o que foi encontrado referente à presença dos dispositivos na transmissão dos conteúdos e nas escolhas metodológicas e didáticas da professora, que estão diretamente relacionadas à receptividade dos alunos em sala. Ao longo do 1º semestre, observo que a utilização de datashows, slides e computadores prevaleceu durante as aulas expositivas, complementando e esclarecendo o que era apresentado oralmente. Para a temática central *Críticas à Modernidade*, a professora, após revisar os conteúdos trabalhados referentes à sociologia clássica (Marx, Durkheim e Weber), elaborou uma série de aulas que colocavam em debate as transformações do período moderno a partir da análise de teóricos da sociologia. Inserido na discussão

sobre a consolidação da época moderna e seus processos de racionalização, o debate “Segurança e Liberdade” foi realizado com base em Alexis de Tocqueville e posteriormente Michel Foucault. Para ilustrar as aulas, além da sistematização nos slides, a professora exibiu vídeos sobre o autor Michel Foucault, no sentido de resumir tudo que já tinha sido explicado nas aulas. Com esses recursos, foi possível perceber que uma noção de familiaridade foi estabelecida entre os alunos e os vídeos, momentos que deixavam um pouco de lado seus celulares para tentar entender o que se passava na tela maior. Assim como acontecia quando a professora abria espaço para o debate, momento em que claramente os alunos tinham interesse em se manifestar, visto que podiam expor suas concepções e modos de compreensão, também os vídeos proporcionavam certa abertura à medida que seu modo de enunciação do conteúdo parecia atingir cada aluno em sua carteira, mesmo que não por muito tempo. Na mesma unidade, os alunos apresentaram seminários. Todos os grupos, sem exceção, optaram por uma sistematização visual no *datashow*, além da pesquisa feita na internet, muito mais do que no livro didático. Observo que a própria metodologia oferecida pela professora aos alunos já direcionava à busca digital, num processo que já tem naturalizado e automatizado determinados modos de constituir os conteúdos de sala de aula e também o ato de pesquisar. Esse modo de constituição do conhecimento pode

ser observado, por exemplo, no momento em que a professora define como principal atividade de avaliação do semestre a elaboração de um vídeo, em grupo, que seria exposto aos colegas no final. Além da atividade de elaboração do vídeo ocupar cerca de um mês das aulas de Sociologia, já que eles tiveram cerca de quatro semanas para confecção de roteiro e gravação, os resultados finais foram incluídos em uma mostra audiovisual maior que ocorre no colégio. Devido à produção de vídeos nas outras disciplinas, a mostra é organizada com o objetivo de motivar e compartilhar a produção dos alunos, entre salas e entre professores. No processo de elaboração dos vídeos, os grupos demonstraram familiaridade com as técnicas e a manipulação, utilizando não somente os computadores do programa UCA, mas também seus aparelhos pessoais, câmeras digitais, computadores e celulares. No final da tarefa, todos estavam editados e armazenados em redes como *youtube*, *vimeo* e *moodle*, um sistema utilizado pela escola e também pela UFSC para compartilhamento entre alunos e professores de conteúdos, avaliações, tarefas e subsídios didáticos, pelo qual muitas entregas de trabalho e atividades extraclasse são concentradas na rede e podem ser feitas em casa. Além de gravar, editar e apresentar o vídeo, os alunos deveriam garantir a postagem de suas atividades no ambiente de aprendizagem *moodle*, que é controlado pela professora.

Em toda movimentação para a produção dos vídeos, encontro um cenário diferente das muitas dúvidas e incompreensões demonstradas pelos alunos ao longo das aulas expositivas anteriores, relacionadas aos conceitos trazidos pela professora. Apesar das dificuldades teóricas, e do conteúdo ser visto por eles como “abstrato” em muitos momentos, quando expressavam certa indignação ao tentar entender a noção de “poder” em Michel Foucault, os vídeos, pelo contrário, apresentaram boas ideias, e estavam articulados com o que fora visto nas aulas. Sistematizações interessantes foram apresentadas, unindo o que eles tinham captado da aula às indagações particulares, referentes ao espaço social e geracional que ocupam na sociedade, assim como a visão de mundo que têm sobre ela. Assistindo aos vídeos, observei que, em paralelo ao conteúdo de sociologia exigido pela professora, eles mesclaram às imagens processos e cenários do seu cotidiano, questões particulares que parecem ocupar espaço na reflexão pessoal de cada um. Além de filmagens na escola, os vídeos trouxeram imagens da rua, do espaço urbano, do espaço privado, da casa e seus locais de lazer. Além disso, elementos como bonecas, brinquedos da infância, animais de estimação, imagens de cemitérios e reflexões sobre natureza, vida e morte também atravessaram o conteúdo, inicialmente orientado a dar centralidade à noção de poder em Foucault. Mesmo àqueles que estavam centrados na questão

disciplinar dos presídios e instituições de poder, o vídeo deu abertura para que gravassem seus registros pessoais sobre o tema, com entrevistas e depoimentos. Mesmo sendo obrigatória a relação direta da teoria com o vídeo, as reflexões dos alunos que não apareceram em sala de aula foram apresentadas por eles mesmos enquanto falavam diretamente para suas câmeras. De maneira geral, os vídeos surpreenderam a professora, que, apesar de saber sobre a capacidade técnica dos alunos, pôde tomar contato com algumas das dúvidas e conexões que os atravessaram ao longo das aulas. Posterior aos vídeos, uma roda de debate foi aberta para que os alunos pudessem comentar suas produções e responder à avaliação dada pela professora. Observo que esse momento integrou grande parte da turma, que conseguiu transpor a teoria não só para a linguagem visual, mas também para uma reflexão que desnaturalizou algumas de suas práticas cotidianas. Ao compreender aspectos da noção de poder em Foucault, e colocá-los nas telas, muitos terminaram a aula questionando a organização disciplinar de suas vidas, os horários estabelecidos para alimentar, dormir, estudar, e outras tantas práticas permeadas pelos condicionamentos descritos pelo autor. Uma reação participativa que, até o momento, não havia sido registrada nas observações das aulas.

Resultados parecidos a professora obteve ao elaborar, na unidade seguinte sobre Globalização, atividades baseadas nos

dispositivos midiáticos para fixar o conteúdo. Após leitura, exposição e debate sobre as contribuições de Milton Santos, os alunos foram direcionados ao laboratório de informática. Lá receberam instruções da professora e também das estagiárias para, seguindo o estudo dirigido, procurar respostas para as questões referentes a Globalização na internet. Depois das pesquisas, todos publicaram suas respostas no *moodle*. Após a publicação, os alunos deveriam acessar as respostas dos colegas, elaborando comentários para as questões. A discussão em roda dos resultados da atividade foi agitada, e o debate aconteceu de maneira efetiva.

De maneira geral, em relação às observações do primeiro semestre, tomei contato com uma articulação dinâmica e intrigante, associada à maneira como os dispositivos fazem parte das aulas, não só como um auxiliar pedagógico, mas também como um método de avaliação e um recurso didático que atrai e é facilmente assimilado pelos alunos. Na verdade, reconheço que foi exatamente a percepção dessa situação que possibilitou a consolidação de um tema para este artigo final. Ao longo do campo de pesquisa, percebi que esses usos consolidaram também um modo de produzir conhecimento, um modo de lecionar e também um modo de ensinar aos alunos um “modo de conhecer” cada assunto compartilhado ali. Enfim, observo a estruturação de um modo de produzir saberes e elaborar o conhecimento,

considerando a mediatização e a esfera da reprodução imagética. Também observei que, além de um modo de conhecer e ensinar, esses dispositivos, em muitos momentos, apresentam-se como uma das poucas ferramentas que permitiram ao professor chamar a atenção dos alunos, visto que eles passam grande parte das aulas nas redes sociais de seus celulares 3G e também dos laptops pessoais e aparelhos UCA, um problema que parece se intensificar.

Além de passar grande parte do tempo chamando atenção dos alunos para que desligassem seus aparelhos, e então ouvir a discussão e participar do debate, a professora, em muitos momentos da aula expositiva, aproveitava-se dos dispositivos ligados, elaborando perguntas que pudessem ser pesquisadas e respondidas pelos alunos no uso da internet. Nessas atividades, percebi como a dependência que se cria entre as atividades programadas e o sinal da rede de internet intensificam-se, condicionando ainda mais o modo como o conhecimento vai sendo produzido e compartilhado. No campo, qualquer mudança no nível do sinal já era captada por todos na sala e, se a falha fosse alta, toda programação era desestabilizada, assim como o grau de agitação dos alunos. O mesmo servia para as aulas que, apesar de programadas, não contavam com falhas técnicas, problemas no sistema de exibição audiovisual ou na rede. Além disso, com o tempo, percebi que, mesmo nas aulas em que esses

aparelhos não eram utilizados pela professora, reclamações em relação ao sinal da rede e à falta de conexão eram constantes. Os alunos nunca se desconectavam. Ainda que participando das aulas, a maioria não se separava e não deixava de acompanhar os outros dispositivos que carregavam. Em vários momentos, utilizavam as mídias para uma comunicação interna, para realizar tarefas de outras disciplinas ou para navegar e acompanhar o que circulava nas redes sociais, jogos digitais, sites de notícia, música e vídeos, aliviando assim a impaciência e a inquietude que em muitos momentos os parecia consumir. Para o que foi encontrado no campo, a noção de governabilidade esclarece os processos de controle que se consolidam nesse jogo social. Há uma situação na qual determinado modo de enunciação prevalece sobre modos de comportamento e subjetivação, hierarquizando e conservando coercitivamente os modos de enunciar e também a carga dos enunciados. Ainda que conservando certa autonomia dos sujeitos, as mídias adentraram no campo escolar enquanto uma rede de controles que, com múltiplas funções, atuaram sobre alunos, professores e funcionários, tanto na esfera da produção e transmissão de conhecimento, quanto na esfera de apreensão e elaboração do conhecimento. Temos dispositivos agindo enquanto uma formação enunciativa política, e também enquanto um meio não-discursivo (DELEUZE, 2005) que interfere na produção dos enunciados e na esfera de constituição desses

saberes à medida que os envolve e modela tanto na esfera da linguagem, quanto da ação e do condicionamento corporal. Reconhecendo o poder coercitivo e as consequências problemáticas desse modo técnico e narrativo, encontro nessa ocupação do campo do saber a consolidação de um aspecto intensamente dispersivo no comportamento dos alunos em sala, assim como em algumas das propostas metodológicas e das manobras didáticas da professora. Sendo ou não um aspecto desencadeado apenas pelas mídias, elas são em muitos momentos consequências desta rede de dispositivos que fortalece uma dinâmica corporal e também reflexiva muito fluída, efetivamente dispersa e que tem dificuldade em manter o foco em determinada questão. Como pude observar, essa dispersão faz parte do modo de enunciação que é instaurado na escola e reflete uma lógica de fragmentação que se consolida, assim como nos falam Deleuze e Guattari ao descreverem as formas desse poder pulverizado. Muito rapidamente, a mídia possibilita um interesse pelo conteúdo que é indiscutível e fácil de observar, muito rapidamente ela dispersa esse aluno que em instantes se envolve com o que esta passando nos seus dispositivos particulares, e se fecha novamente. Essa dificuldade de concentração também esta ligada a um outro aspecto proveniente da mídia enquanto dispositivo, que é a dificuldade de se compreender e elaborar a partir de enunciados que não estão visualmente colocados,

distantes dos códigos atualmente mais compartilhados. Numa cultura imagética, onde o visual ganha notoriedade, tornando-se simbolicamente o mecanismo que unifica tantos usuários, qualquer outra metodologia adotada perde um pouco o espaço ao colocar-se em disputa com tantos outros estímulos provenientes das telas. Cada vez mais, um aluno disperso e condicionado pelos dispositivos midiáticos condiciona também a atuação de professores que acabam por frequentemente adotar os mesmos modelos digitais pra aula. Em tempos de disputa, incorporar a linguagem inscrita pelo diagrama torna-se mais do que uma saída, mas as vezes a única opção no espaço onde essa rede de controle se articula.

Em conjunto com a estagiária Bruna Avila da Silva, um plano de ensino foi elaborado de modo a incorporar o uso dos vídeos e imagens, considerando reações e participação dos alunos nas aulas anteriores, lecionadas pela professora efetiva. Alternadamente, buscamos utilizar vídeos e imagens como modos de ilustração e também maneira de despertar a atenção para as temáticas. Além disso, o modo alternado proporcionaria uma análise em relação ao andamento das aulas e participação, com e sem os dispositivos. Mesmo assim, antes de apresentar essas observações, já destaco que a ausência de mídias em momento nenhum foi absoluta, visto que os alunos, independente das atividades propostas, passavam boa parte das aulas navegando na

rede por meio de celulares e notebooks pessoais, o que interferia diretamente na dinâmica da sala e da proposta programada. Nesse sentido, a questão direcionou-se, também, para uma tentativa pedagógica de substituir aquilo que atraía a atenção deles, ainda que estivessem parcialmente envolvidos com as aulas. Esclareço que nem sempre a utilização desses dispositivos foi algo que afastou ou anulou totalmente a capacidade de apreensão, entendimento e iniciativa dos alunos, visto que em muitos momentos eles pareciam preparados para o exercício de atividades simultâneas. De qualquer maneira, esses usos mostraram-se condicionantes tanto dos hábitos corporais, associados a um hábito prático, quanto do exercício intelectual e reflexivo da aprendizagem. Ainda que atentos, como já observado no momento de análise das atividades da professora efetiva, a interrupção para conferir, atualizar ou buscar em seus dispositivos pessoais era uma prática impossível de ser evitada, que mesclada ao cenário da sala de aula, contribuía para a conservação de um comportamento novamente disperso, bastante inquieto, associado a certo padrão de fragmentação e agitação. Apesar dessas expressões não estarem totalmente associadas aos processos de governo e controle dos dispositivos de mídia, eles intensificaram um quadro de inquietações, a partir de todas as suas estratégias técnicas e sua rede de coerções, já presentes nesse grupo. Um perfil instável devido a situação geracional do grupo que enfrenta

as etapas de preparação para o mercado e seleção do vestibular, ainda mais estimulado pela dinâmica digital dos dispositivos.

Já no primeiro semestre de observação, alguns apontamentos destacados interferiram diretamente no modo como posteriormente eu e minha parceira de estágio iríamos trabalhar com a turma nas aulas lecionadas. Nós buscamos sistematizar uma proposta didática, metodológica e temática que, seguindo as orientações da professora, acompanhasse essa dinâmica e o perfil dos alunos. O início das nossas aulas se deu a partir da exibição de um clip musical que resumia o que seria abordado na temática central, “Trabalho e Sociedade”. Nossa intenção foi estabelecer um primeiro diálogo com os alunos, a partir de um elemento comum que pudesse nos conectar. O videoclip foi bem recebido e, para nossa surpresa, já era conhecido entre alguns, o que facilitou ainda mais o processo. O tema gerador das aulas foi dividido em unidades historicamente situadas, que acompanhavam também o desenvolvimento das análises e teorias das Ciências Sociais, apresentando o conceito de trabalho. A partir dessas unidades, buscamos também encontrar vídeos mais curtos, que pudessem abordar as questões do mundo do trabalho de maneira simples, numa linguagem acessível, direta e criativa. Esta preocupação nos rodeava, principalmente devido à própria temática se apresentar aos estudantes como algo massivo e distante, considerando o fato de que muitos ali ainda não faziam

parte desse mundo do trabalho. Enquanto hipótese, considerávamos que, apesar do dispositivo apresentar um aspecto normalizador, ele poderia ser apropriado enquanto uma linguagem reconhecida, que pudesse estabelecer pontes entre o mundo dos alunos e seus modos de vivenciar o espaço social, no caso, a partir da tecnologia e das teorias apresentadas. Para as temáticas do mundo do trabalho, mercadoria e relações de produção, as aulas seguiram o sistema de alternância, intercalando atividades com e sem a presença dos dispositivos. Antes de introduzirmos uma discussão conceitual sobre a noção de mercadoria, mais-valia e outras categorias associadas ao pensamento sociológico do sistema de produção, compreendemos que era necessário materializar o que seria discutido de maneira que os alunos pudessem visualizar os temas concretamente. No atual contexto da sala de aula, uma das grandes dificuldades que se apresenta ao professor é a de promover identificação entre alunos e conteúdo. Se antes esta já era uma difícil missão, com a inserção dos dispositivos na esfera escolar, os alunos adquiriram ainda mais mecanismos para se isolarem ou restringirem sua esfera de reflexão apenas às questões que já fazem parte de seu ciclo de interesses. Adaptados e condicionados ao controle que esses dispositivos exercem, a aula de Sociologia, que propõe uma prática desnaturalizadora, tem ainda mais dificuldades para deslocar os alunos desse seu local de conforto, visto que agora

eles mesmos carregam e defendem aquilo que pode lhe causar certo esquema de aprisionamento. Com isso, a aparente aderência espontânea complexifica ainda mais os caminhos percorridos pelos recursos metodológicos e didáticos, que tem agora uma barreira tecnológica para penetrar. Considerando tudo isso, reconheço que, apesar de todas as limitações, encontrei na sala de aula uma turma bastante participativa, mas também bastante presa ao sistema dos dispositivos, fator que desencadeou a busca e a consolidação de práticas pedagógicas críticas e, ao mesmo tempo, associadas ao uso dos dispositivos.

Seguindo as observações sistematizadas no diário de campo, destaco mais dois acontecimentos ocorridos em sala de aula que proporcionaram o encontro de toda discussão feita até o momento com os desafios da própria prática docente que decide incorporar os dispositivos. Como já descrito, a disputa com os aparelhos celulares e computadores pessoais era acirrada, e nem sempre os esforços didáticos e metodológicos alcançavam sucesso. Em determinada aula preparada para discussão das etapas de transformação do trabalho, fordismo, taylorismo e toyotismo, muitos dos alunos apresentavam-se bastante inquietos e dispersos. Para essa aula, além da dinâmica expositiva, pequenos vídeos foram separados para ilustrar os modelos de trabalho e as transformações sociais ocorridas a partir deles, todos com a intenção de problematizar sociologicamente o processo de

racionalização e instrumentalização do mundo do trabalho e também as relações sociais. Mesmo com todo material disponível, a grande maioria da turma não demonstrava nenhum interesse pela aula, que para nós parecia ser polêmica o suficiente para atrair a atenção deles. Apesar de uma série de explicações e exemplos, quase todos pareciam estar totalmente conectados ao movimento e atualização de seus dispositivos pessoais. Em determinada altura da aula, a situação tomou proporções maiores, o que nos incomodou e despertou para que algo fosse discutido em relação a essa fixação. Paramos tudo que havíamos programado e apenas escrevemos no quadro a seguinte frase: “jovens, soldados de uma ideia”³. Com essa sentença simples passamos a questionar esse hábito de verificar e averiguar o celular e o computador o tempo todo. Fizemos alguns questionamentos em relação a esse hábito e procuramos mostrar certo estranhamento em relação a essa cultura do acesso. Na sequência, apontamos algumas problematizações e buscamos, ao analisar a juventude nazista do período de Hitler, expor os processos de incorporação massiva que a juventude deste período sofreu, ao consolidar-se enquanto um instrumento manobrado

3 MALVANO, L. “O mito da juventude transmitido pela imagem: o fascismo italiano” e MICHAUD, E. “Soldados de uma idéia: os jovens sob o Terceiro Reich”. In LEVI, G. e SCHMITT, J.-C. (orgs.) *Historia dos Jovens Vol. 2*, São Paulo, Companhia das Letras, 1996

pela técnica e pela consolidação da Indústria Cultural. Junto a dados históricos chocantes com alguns questionamentos provocativos, nos voltamos para os alunos e para as opiniões em relação ao uso intenso dos dispositivos. Conforme os dados eram disponibilizados, alguns pela primeira vez pareciam estranhar seus hábitos tão íntimos ou mostrar certa indignação e espanto com as informações que estavam sendo jogadas ali. Aos poucos, tivemos a oportunidade de apresentar as implicações políticas, sociais e econômicas de todo desenvolvimento técnico e dos processos de racionalização da vida a partir dos dispositivos de controle de massa, fator que pareceu despertar reações. Em alguns minutos, alguns alunos demonstravam certo desejo em expressar sua opinião, enquanto outros revoltavam-se ainda mais com nossas colocações. Na sequência, passamos alguns vídeos das grandes movimentações políticas que ocorreram no período dos anos 1960 até os 1980, principalmente em relação às consequências desse sistema progressista e racional, que instaurou um modo de vida baseado na produção, na aceleração, no rendimento e no desenvolvimento técnico. As imagens do filme eram fortes, o que alargou ainda mais as reações encontradas na sala de aula. Ainda exibimos vídeos mais curtos, que davam visibilidade para o sistema de funcionamento de grandes indústrias, como a fábrica da Coca Cola. Nesta aula, o reconhecimento de que a questão dos dispositivos é tema

importante a ser debatido também no campo do saber se consolidou enquanto uma necessidade investigativa, e também enquanto uma possibilidade que, apesar de fazer parte de um conjunto normativo de medidas de controle, oferece também a possibilidade de dar visibilidade, pelo choque, ao estranhamento que as teorias das Ciências Sociais podem causar. Ainda que paradoxal, ambígua, a rede de dispositivos apresenta-se como uma realidade no campo do saber, que ora interfere de forma problemática na configuração da sala de aula, e ora oferece possibilidades e criatividade aos enunciados construídos, enunciados esses que historicamente carregam um aspecto, uma estética e uma estrutura tradicional e conservadora.

Paralelamente à situação vivenciada nesta aula, exponho também um outro acontecimento que nos chamou a atenção e ofereceu ainda mais componentes para a reflexão que se produz em relação à experiência da mídia na escola. Em uma das aulas de Sociologia, os alunos que ao longo das semanas já estavam apresentando certos conflitos com o coordenador e o inspetor da escola, organizaram um pequeno ato de protesto através de seus computadores e redes sociais. Durante a aula, após um atrito verbal com o inspetor, os alunos editaram uma imagem a partir de uma foto das manifestações de maio de 1968, na França. Com a foto baixada do computador, frases foram alteradas com o objetivo de protestar em relação aos “atos autoritários” da direção

e do inspetor. Alguns cartazes já estavam colados no corredor da escola, e depois do atrito, instantaneamente mais imagens de insatisfação e provocação eram compartilhadas e disponibilizadas. Deslocando a análise das causas e justificativas da atuação, chamo atenção para a rapidez e a articulação que, em plena aula, os alunos apresentavam para expor suas ideias e divulgar o que estava sendo pensado no grupo. Diferente do problema descrito no parágrafo acima, encontro também nas experiências desse uso do dispositivo, movimentações e apropriações criativas em muitos momentos inesperadas e incompatíveis com as críticas que construímos em relação à rede de coerções gerada pelo dispositivo. Entre tantos outros acontecimentos, também é oportuno listar aqui a forma como o dispositivo foi utilizado pelos alunos para debater questões referentes à situação do colégio, das aulas e da administração da escola. Internamente, no colégio de Aplicação, os alunos têm direito de participar do conselho de classe e de outras reuniões de professores e direção. Para sistematizar seus interesses, muitas vezes o grupo criado pela turma na rede social Facebook era utilizado. Ali, debates e discussões afloravam, assim como a tomada de decisões em nome do grupo e o agendamento de encontro para grupo de estudos, atividades sociais, da escola etc. Assim como no caso do ato de protesto contra o inspetor, essas articulações traçadas não podem escapar deste artigo. Há a

intenção de percorrer esse fluxo de ações e posicionamentos, que em muitos momentos parece descontínuo e confuso, mas que na verdade só comprovam como o processo de subjetivação em relação aos dispositivos proporcionou uma relação ainda mais intrínseca, íntima e contraditória de vivenciar e se apropriar das suas múltiplas funções sociais e práticas de controle.

Uma última e importante situação que merece ser apresentada neste trabalho é o processo de comunicação que consolidamos com alunos, ao sermos incluídas no grupo de conversa e compartilhamento criado por eles na rede social. O grupo era utilizado para troca de informações referente às aulas, troca de material, discussões em relação à participação da turma no conselho de classe, eventos da escola e também outras questões de sociabilidade do grupo. Como acordado em sala, enviaríamos mensagens com tudo que havia sido compartilhado em aula, além dos vídeos, slides e imagens. Ao longo do estágio, percebemos que muito dos alunos nos procuravam na internet para pedir informações sobre vídeos e atividades da aula. Material extra e subsídios que poderiam complementar as aulas estavam sendo compartilhados, e ao que indica a contagem de visualizações do dispositivo, eram visualizados por muitos deles. Ao mesmo tempo, observamos que apesar de estabelecermos uma comunicação mais constante e direta, e de proporcionamos uma frequência maior ao acesso dos conteúdos de Sociologia no dia a

dia de cada um deles, em muitos momentos vários da turma não anotavam as tarefas, e nem se responsabilizavam por elas, devido ao apoio digital criado. Várias foram as situações em que na véspera das aulas, muitos nos procuravam à noite com mensagens de dúvida em relação ao que deveria ser entregue. Em outros momentos, muitos apresentavam uma postura dispersa e confusa, como se não conseguissem ordenar as informações veiculadas na rede e em sala, apresentando um comportamento talvez apático, talvez cômodo ou talvez correspondente às condições contextuais, em relação às atividades que eram pedidas pois afirmavam não conseguir ordenar toda a informação recebida, ou não ter consultado o grupo na internet. Essa experiência nos apresentou dois lados de uma situação que obscurece ainda mais as opiniões em relação ao uso dos dispositivos, ainda que todas essas posturas encontradas em sala de aula não tenham sua origem apenas na existência e nos usos do dispositivo, mas acompanham os processos de ensino historicamente. Ainda assim, a partir da noção de dispositivo, mesmo críticos, em muitos momentos alimentamos a lógica da rede, contribuindo para a manutenção de certos vícios e comportamentos que esses dispositivos oferecem. Em outras, percebemos que nossa atuação na rede ocupava também a postura *panóptica*, como afirma Foucault, visto que esse acompanhamento online intimidava a manifestação de alguns alunos no grupo, que evitavam expor suas

dúvidas para que nós, estagiárias, não pudéssemos ler. Por mais que nossa interação e comunicação tivessem sido ampliadas devido ao dispositivo, rompendo assim com certas estruturas de domínio aluno/professor, esta abertura não estabeleceu um rompimento mais profundo do que tradicionalmente temos como o lugar de quem ensina e enuncia, e o lugar de quem recebe o enunciado. Encontro assim, um quadro ainda confuso de acertos, ganhos e dificuldades que vão compondo a criação de uma relação entre professores, alunos e dispositivos, e que também vão afetar as hierarquias que constituem o tradicional campo do saber que estamos acostumados a visualizar na esfera escolar.

Mesmo sem apontar linearmente todas as etapas e vivências desse processo pedagógico, ofereço uma revisão sintética do que foi encontrado no campo⁴. Busco compor um quadro de acontecimentos que permita ao leitor visualizar a trama que se consolida quando o dispositivo adentra na esfera do saber,

4 Este artigo tem como base toda a produção situada em um diário de campo confeccionado ao longo de um ano letivo (2012), semanalmente desenvolvido. Devido ao formato reduzido exigido para avaliação, muitos dos elementos, relatos e próprio material confeccionado pelos alunos, assim como suas falas, não puderam ser anexados na versão final. Apesar de não exibir todas essas fontes que trazem elementos associados aos processos de subjetivação e reações dos alunos, todas as considerações e destaques elaborados aqui tem como base esse os resultados desse acompanhamento contínuo do campo de pesquisa e principalmente dos sujeitos dessa pesquisa.

consolidando usos na instituição escolar e alterando a dinâmica desse espaço. Antes de seguir para as considerações feitas a partir do cenário descrito, reconheço que esta questão não diz respeito a toda situação escolar atual, e também que a utilização desses dispositivos caminha paralela aos capitais culturais, simbólicos e técnicos que a instituição, no seu contexto específico, tem capacidade de distribuir e desenvolver. De qualquer maneira, o alargamento da esfera de atuação desses dispositivos e a incorporação deles na dinâmica social não podem ser negados, assim como a atuação que se consolida do campo do saber. Insisto na necessidade de abordar a questão sem polarizar propostas e críticas que limitem ou expandam exageradamente a utilização dos dispositivos, mas que apresentem reflexões preparadas para lidar com o que têm sido desenvolvido a partir dele, e que articula as diferentes possibilidades inseridas pelos próprios dispositivos no campo social.

A perspectiva que encerra o potencial elaborativo de cada sujeito pela atuação dos mecanismos de massa pouco está atenta às possibilidades encontradas na sala de aula que vivencia esses usos. Ainda assim, temos uma dificuldade concreta com os alunos, professores e funcionários administrativos, que fisicamente condicionam-se à rede de dispositivos que os rodeia e ao código de compartilhamento. Os dispositivos têm um potencial inicial de aceitação inegável, fazendo parte de

processos íntimos de subjetivação na experiência social que se consolida. Enquanto professoras no estágio, nos aproveitamos desse processo de aceitação para proporcionar a problematização através do choque, um choque proveniente de um aparelho que já foi incorporado, e que proporciona ao mesmo tempo, mais barreiras de comunicação, mas também menos formas de isolamento e recusa dos conteúdos e das propostas didáticas, possibilitando uma abertura para o que o professor propõe em sala. Ainda que o processo de identificação seja restrito à um modo de enunciação, utilizamos este modo de enunciar para introduzir novos enunciados, causando assim certo efeito de estranhamento crítico proveniente também das Ciências Sociais.

Michel Foucault faz uma análise das microrrelações constituídas na escola e também do investimento político que os dispositivos empreendem sobre os agentes no campo de saberes, a instituição escolar. Reconheço no campo uma perspectiva de transversalidade, que também pensa o poder enquanto uma estratégia multidirecional (DELEUZE, 2005, p.35), onde nem todos os efeitos podem ser calculados ou reunidos na fórmula explicativa de causa, efeito e solução. Para a noção de poder referente a esses dispositivos, temos uma situação de exercício de poder alternado, muito mais do que de posse enrijecida. Na instituição dos saberes em disputa, a escola, o poder dos dispositivos não se refere a um “privilégio adquirido ou

conservado da classe dominante, mas ao efeito do conjunto de suas posições estratégicas” (FOUCAULT apud DELEUZE, 2005, p.35). Considerando o que foi visto no campo, posso me apropriar da ideia deleuziana de que este poder não tem uma homogeneidade, “mas define-se por singularidade, pelos pontos singulares por onde passa” (DELEUZE, 2005, p.35), sendo assim difuso, que não se localiza, mas transita, alternando o caráter de cada situação vivenciada. Temos, tanto para o dispositivo, quanto para a experiência de mídia que se constitui, um poder não enquanto existência, mas como algo operatório (DELEUZE, 2005, p.37), que produz realidade antes de reprimir e que também “produz verdade, antes de ideologizar, antes de abstrair ou de mascarar” (DELEUZE, 2005, p.38).

Observando todas as diferentes funções que o dispositivo apresentou ao longo do campo, e também as distintas reações desencadeadas a partir da sua presença, encontro certo distanciamento da tradicional forma como o dispositivo definido por Foucault (2009), baseado na lógica de impor uma conduta qualquer a uma multiplicidade humana. Reconheço um processo de controle dissolvido, que tem marcado as sociedades atuais, e que dispersamente atua, favorecendo o próprio caráter difuso e fragmentado do poder e das relações constituídas a partir dele. É possível visualizar o diagrama de poder enquanto uma máquina abstrata, que se expande na multiplicidade de espaços-tempos,

favorecendo assim uma outra lógica de dominação, mas também uma outra lógica ao ato de resistir.

É que o diagrama é altamente instável ou fluído, não pára de misturar matérias e funções de modo a constituir mutações. Finalmente, todo diagrama é intersocial, e em devir. Ele nunca age para representar um modo preexistente, ele produz um novo tipo de realidade, um novo modelo de verdade. Não é sujeito da história nem a supera. Faz a história desfazendo as realidades e as significações anteriores, formando um número equivalente de pontos de emergência ou de criatividade, de conjunções inesperadas, de improváveis *continuuns*. Ele duplica a história com um devir. (DELEUZE, 2005, p.45)

Seguindo o processo de análise, preocupo-me também em compreender o que significa essa aproximação entre dispositivos e a escola, mecanismos de enunciação e instituição que produz discursos de verdade, considerando o movimento instável do diagrama na governabilidade do saber. Com Foucault, encontro o conceito de *parresía*, que está relacionado às práticas de si, do dizer a verdade e da relação que se cria com a verdade no momento em que ela é dita. Considerando a *parresía* enquanto uma fala franca, garantida e assumida por aquele que enuncia,

temos uma reflexão sobre o processo de se permitir dizer a verdade. É uma relação individual e também coletiva, com o outro, na qual *parresía* envolve um “discurso verdadeiro”, um discurso que se enuncia enquanto verdade (FOUCAULT, 2010, p.169) e que se relaciona ao processo de governabilidade. Historicamente, o conceito trata do acesso, desvendamento, desejo, direito e dever de dizer a verdade (FOUCAULT, 2010, p.106), fatores intrínsecos ao exercício do poder. No campo da democracia, como explica o autor, a noção de *parresía* é muito mais estreita, principalmente se pensamos que além da liberdade da palavra, nesse campo preocupa-se com quem vai tomar essa palavra e como vai exercê-la sobre as outras, visto que o espaço estrutura-se igualmente no plano utópico, e problematicamente no campo da realidade. Foucault nos fala de um pacto entre sujeito e enunciação, uma relação de compromisso de quem fala com o que fala, uma obediência à verdade que se formula, que se manifesta na forma de subjetividade do sujeito, mas que pode também minar a estrutura básica de uma sociedade democrática ainda que ele dependa dessa estrutura para ser garantido. O jogo de verdades é exatamente aquilo que garante e que encerra o sistema democrático.

Transpondo essas ideias para o contexto do ensino, temos a escola enquanto uma instituição de governo da educação, que

enuncia os saberes a partir da transmissão dos conhecimentos acordados e da sua função social “formadora”. Indiretamente ou não, a estrutura da organização escolar e os professores operam controle, comprometidos com as verdades que enunciam enquanto conhecimento. Nessas operações, assumem os riscos e responsabilidades dos enunciados que produzem, tensionando assim a esfera que representa um jogo de poderes, saberes e resistências. Os alunos são sujeitos historicamente controlados pela hierarquia disciplinar da instituição escolar, que se movimentam entre os enunciados do ensino e seus próprios desejos de enunciação. Os componentes desse cenário, que participam da constituição, elaboração e transmissão de saberes, vivenciam a *parresía*, sendo atravessados constantemente pelas práticas, pactos, desejos e o governo de si e dos outros, envolvidos pelas verdades enunciadas e pela vontade dessa enunciação. Ainda que em disputa, temos um processo regulador que parte de cima para baixo, dos responsáveis pelos saberes compartilhados aos alunos, sujeitos que necessitam incorporar o discurso produzido. É nesse processo tradicionalmente disciplinar, que os dispositivos de mídia são inseridos. Devido a todos os aspectos traçados anteriormente, os dispositivos desestabilizam a convivência e as normas cultivadas historicamente, intensificando o conflito de verdades e saberes. A partir do meu campo de pesquisa, constato que as disputas

discursivas e a vontade de garantir uma verdade aumentam, à medida que essa rede de controle técnico reconfigura as posições, as funções e os direitos de enunciar antigamente conservados. Em muitos casos, o domínio da linguagem e do controle desses dispositivos não se concentra no professor, mas sim no aluno, que está familiarizado com seu funcionamento, causando assim certas surpresas, desconfortos e alterações na dinâmica da aula, no resultado das atividades avaliativas e nas propostas didáticas que o professor inicialmente preparou. Não diferente de outras esferas, aquele que concentra experiência, que está mais familiarizado e se identifica com os códigos, em muitos momentos se sobressai argumentativamente, garantindo a exposição de intenções e seus modos de enunciar e ver o mundo. Considerando o caráter ambíguo e paradoxal dos dispositivos e das experiências que se consolidam a partir deles, não temos então uma valoração do que é melhor neste “cabo de forças”, mas apenas reconhecemos que eles oferecem ainda mais instrumentos para que as relações de poder constantemente se reconfigurem e intensifiquem.

Considerações finais: fuga e dispersão criativa no poder pulverizado

Separar em diferentes partes, espalhar, disseminar, derramar, fazer debandar, destroçar, pôr em desordem, fazer com que atinja diferentes lados, ocasionar o desaparecimento de, dissipar, fazer com que haja distração e mudança, afastar em várias direções, distribuir, são todas expressões encontradas em diferentes dicionários para fazer referência ao ato de dispersão. Entre tantas possibilidades de atuação, ao permear esferas do desejo, os dispositivos de mídia, com crescimento e potencial de ação pulverizada, passam a fazer parte dos elementos de subjetivação de seus usuários, que apesar da rede de coerções, ao internalizar certos condicionamentos, disputam e transitam por todos os acontecimentos que a experiência desse diagrama de poder pode proporcionar. Entre tantos fenômenos, como foram descritos nas experiências de estágio, e entre tantas consequências da incorporação desses dispositivos no campo educativo, podemos reconhecer que a dinâmica de fragmentação e dispersão abala profundamente o funcionamento da sala de aula, reconfigurando estruturalmente processos de ensino e aprendizagem, num esquema em que as coordenadas não se direcionam em um sentido unilateral (de professores para alunos), mas circulam num ciclo de reciprocidade, no qual os dispositivos espalham-se e permitem trocas simultâneas, assim como efeitos

de controle e coerção multidirecionais, dispersos nas relações de poder que se estabelecem na sala de aula.

Foucault nos permitiu observar como os dispositivos ligados aos processos de subjetivação proporcionam que exercícios de governo sejam comportados, não enquanto o simples exercício de violência, mas como uma rede que articula e pauta determinadas práticas e modos de enunciação, e que ao mesmo tempo comporta agenciamentos e reações de não assujeitamento, considerando que de fato “ele implica um processo de subjetivação sem o qual não pode funcionar como dispositivo de governo” (AGAMBEN, 2009, p.46). O processo de controle previsto no dispositivo prevê também uma esfera de restituição para o livre uso, associada diretamente ao desejo demasiadamente humano pelo qual ele também é composto. Nesse contexto, a palavra *profanação* vem agregar, no encerramento desta discussão, uma possibilidade, o “*contradispositivo*” (AGAMBEN, 2009, p.45) que restitui aos usos comuns ao situar essa rede fora da sua área de consagração, trazendo-o para a esfera humana, esfera dos sujeitos que se apropriam.

Ainda assim, falando em profanação e alteração de usos num deslocamento previsto pelo conceito, Agamben oferece conclusões um pouco mais pessimistas, quando observa nas sociedades contemporâneas e nas suas relações com os

dispositivos também processos de *dessubjetivação* (2009, p.48) e esvaziamento que atravessam os corpos na pura atividade de governo. Caminhando no sentido contrário desse fechamento, retomo Michel Foucault e algumas de suas considerações em relação às possibilidades da resistência nas relações de poder. Assim como encontrado no campo, relações de verdade e poder, relação entre sujeitos e dispositivos e relação entre sujeitos a partir dos dispositivos, é impossível aprisionar os resultados e as implicações dos usos dessas mídias numa única conclusão. Como podemos encontrar em várias obras de Foucault, principalmente em seus escritos sobre a sexualidade e sobre a vigilância e a punição, a cada instante as relações de poder suscitam necessariamente a possibilidade de uma resistência, de um posicionamento contrário, de uma luta tão legítima e estratégica quanto as condições de existência desse poder, representando assim a potência dos agentes que reconhecem, dentro das relações tensionadas, linhas de fuga pelas quais podem percorrer e enunciar.

Yo quiero decir que las relaciones de poder suscitan necesariamente, reclaman a cada instante, abren la posibilidad de una resistencia; porque hay posibilidad de resistencia y resistencia real, el poder de aquél que domina trata de mantenerse con tanta más fuerza, tanta más astucia cuanto mayor es la resistencia. De este modo,

lo que yo trato de hacer aparecer es más la lucha perpetua y multiforme que la dominación oscura y estable de un aparato uniformizante (FOCAULT apud CASTRO, 1992, p.490)

Caminhando no sentido de reconhecer resistências, inclusive na consolidação de uma dispersão contemporânea, bem diferente dos processos de dessubjetivação citados por Agamben, Deleuze e Guattari nos permitem pensar que, para além dos processos de subjetivação, novos tipos de “acontecimentos” (1992, p. 218) se dão a partir de relação que é criada no contato com os dispositivos, que se mesclam a questões da ordem íntima dos envolvidos, numa esfera que apesar de toda a rede de disposições que se cria, não é rígida em relação ao disciplinamento desse corpo e dessa mente. Num sistema pulverizado de domínio, a aderência ao dispositivo parte muito mais de um movimento espontâneo de identificação, aceitação e reconhecimento, do que de uma obrigação condicionada. Condiciona-se à medida que se adere, e o que se disputa não é a rigidez de uma conduta, mas a frequência de um acesso. Muito menos um controle do que se acessa, muito mais uma fiscalização do quanto se acessa. Na escola, não distante, estamos falando muito mais da adaptação de um uso, para um método de construção e compartilhamento do saber, do que de uma obrigatoriedade ideológica do que se enuncia, do que se

transmite. Garantindo o uso, de certa maneira seu fim fica liberado e é aí, nessa capacidade de dispersar uma multiplicidade de fins que a agência e a potência da apropriação criativa vão habitar.

Olhando para o contexto escolar, como denuncia o trabalho, foi impossível uma sistematização focada em apenas um aspecto, ou um desdobramento do uso dos dispositivos na sala de aula. Assim como foi feita a exposição do campo, costurando os diversos aspectos e eventos dessa experiência, assim costuro nessa conclusão um diagrama que não só inclui a atuação dos dispositivos no governo exercido, mas também as profanações, os acontecimentos, a dispersão e a atuação que se fizeram possíveis nas inúmeras apropriações consolidadas por alunos e professores na sala de aula. Costuro também as pontas de uma relação que, em campo, ilustrou ainda mais a conexão que imaginamos existir entre a enunciação de verdade, a consolidação dos saberes e a ocupação desses lugares de enunciação. Ainda que conservando determinados processos e posições de controle, como por exemplo a hierarquia do professor em relação ao aluno, a fragmentação do poder difuso desses dispositivos permitiu enxergar um trânsito e talvez certa mobilidade de posições a partir de uma reconfiguração que o domínio sobre esta técnica e sobre esta linguagem enquanto símbolo proporcionaram. Impossível foi medir os impactos e calcular o que seria necessário

ou ideal ao me referenciar às experiências didáticas e pedagógicas a partir desses dispositivos. T tamanha instabilidade criou um sistema que, discreta e dispersamente, reconfigurou uma série de práticas referentes ao espaço escolar.

Antes de encerrar o trabalho, realizo aqui um último reconhecimento necessário, e que talvez não traga tantos fechamentos para o período dedicado às elaborações finais. Fica claro que, por meio do campo e das teorias, encontro e me posiciono a partir de um ponto de partida ético, metodológico e também político que buscou, identificou, aceitou e pensou, ao longo de toda pesquisa, os significados e as possibilidades da agência nos processos que estruturam as relações consolidadas em torno do dispositivo. Este posicionamento foi claro, e faz parte também de uma aceitação epistemológica, uma perspectiva que se associa à potência dos sujeitos em ação, à recepção e à apropriação criativa. Ainda assim, mesmo com os desdobramentos agenciais oferecidos pelo campo, reconheço também certos limites instaurados e bastante contraditórios. Mesmo com uma gama de caminhos e distintas ações dos objetos, que redefiniram o contorno dado ao conceito de dispositivo, ainda assim, poucas são as possibilidades de uma recusa absoluta do dispositivo. Considerando a forma como ele amarra tantos processos, desejos e ações práticas no Ensino de Sociologia, nesse contexto as margens de atuação fora dele parecem, apesar

da potência criativa, cada vez mais atreladas ao que pode prover esse uso. Considerando isso, enxergo também que a mobilidade e autonomia estabelecidas frente ao uso das mídias são distintas para alunos e professores, uma situação na qual, visivelmente o controle concentra-se prioritariamente nos alunos que possuem domínio técnico e criativo dos dispositivos, o que pode em muitos momentos induzir a uma atuação docente, que não tem muitas escolhas a não ser incorporar os mecanismos. Como afirmei anteriormente, longe de um fechamento, este artigo encerra-se a partir da situação paradoxal de um campo que expõe as tensões de uma potência na experiência dos dispositivos, mas também uma nova situação onde, com toda vasta rede de possibilidades a partir do dispositivo, fora dele muito pouco pode ser pensado. Todos se tornam em alguma medida “reféns” do limite que não pode ser ultrapassado, que é a anulação do dispositivo. Dar continuidade aos questionamentos resultantes, às incógnitas de uma recusa e o que ela representaria é algo que ainda está distante desse artigo, que chega ao fim com apontamentos de destaque em relação a relação mídia, processo de ensino, dispersão e rede de controle e governo, mas também com mais algumas propostas para futuramente serem desenvolvidas visto que a intensificação do uso dos dispositivos parecem tornar ainda mais complexo o ensino de Sociologia e o

campo do saber que será elaborado.⁵

5. Apesar da pesquisa situar-se no campo da educação e ensino de Sociologia no Ensino Médio, este artigo priorizou questões que proporcionassem um reflexão direcionada ao conceito de dispositivo e sua relação com os processos pedagógicos encontrados no campo, principalmente a partir das observações registradas no diário de campo. Ainda assim, reconheço as lacunas e aberturas que o trabalho oferece em relação as teorias da Sociologia da Educação e também dos currículos que não foram incluídas. Os apontamentos feitos aqui oferecem elementos para que seja dada uma continuidade as reflexões em relação à noção de dispersão e fragmentação associadas aos usos dos dispositivos em sala de aula, visto que o tema interfere diretamente na compreensão, nos padrões e nas concepções do que é aprendido, rendimento e também processo avaliativo em sala. Devido ao formato de artigo e ao foco da pesquisa, muitos dos elementos encontrados em campo e definidos no projeto não foram alcançados, fornecendo assim possibilidades para mais estudos. Estudos culturais voltados para o sentido da representação da mídia e delimitações mais focadas no material proveniente dos alunos poderão oferecer ainda mais questões à proposta analítica constituída aqui, contribuindo assim para uma análise dos processos de subjetivação desses alunos.

Referências Bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? E outros ensaios. Chapeco, SC: Argos, 2009.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia. Vol 4. São Paulo: SP. Editora 34, 2008.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* São Paulo: SP. Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. Foucault. São Paulo: SP. Brasiliense. 2005.

DELEUZE, Gilles. Controle e Devir. In: *Conversações*. Trad. de Peter Pál Pelbart. São Paulo: SP Editora 34, 1992.

FOUCAULT, Michel. O governo de si e dos outros: curso no collège de France (1982-1983). São Paulo: SP. Editora WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir. Histórias da violência das prisões. 37.ed. Petrópolis:RJ. Vozes, 2009.

FOUCAULT, Michel. A História da Loucura na Idade Clássica. São Paulo: SP. Perspectiva. 1997.